Anno 16.º — Sabado, 15 de Setembro de 1923 — N.º 794

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR Arnaldo Ribeiro
PROPRIEDADE DA EMPREZA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões – AVEIRO.
Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

Edificio dos correios

A ideia de se adquirir para a instalação dos Correios e Telegrafos desta cidade o esplendido edificio da Companhia Aveirense de Navegação e Pesca e de que se fez eco, muito acertadamente, a Direcção da Associação Comercial encontrou na opinião publica um completo aplauso.

A Direcção da Associação Comercial, a que preside o sr. dr. José Maria Soares, prossegue, louvavelmente, no rumo da sua antecessora, que ha três anos fez uma activa propaganda em favor da construção ou aquisição dum edificio proprio para tão importantes serviços e que permitisse tambem a instalação da rêde telefonica, pela qual alguns aveirenses tanto teem pugnado e que tão sensivel falta faz nesta terra.

Na verdade, a vergonha do pardieiro do Largo Municipal, pessimo para o publico, pessimo para os empregados e insuficientissimo para o serviço, deve terminar. Assim o reconheceu absolutamente o sr. Antonio Maria da Silva, quando, para esse fim, veio expressamente a esta cidade e assim o reconheceram egualmente, todos os ministros do Comercio a quem foi mostrado essa mazela.

A construção do edificio novo encontrou dificuldades por se tornar necessario expropriar o terreno e por se ter elevado muito o custo das obras.

Pois agora é, sem duvida, apropriada a ocasião de a Administração Geral dos Correios suprir tudo isso, adquirindo em hasta publica e por preço razoavel, um edificio, como dificilmente tornará a aparecer outro, que se não faria hoje, segundo os tecnicos, por 400 contos e que ficaria ainda sendo uma das melhores estações telegrafo-postaes do país.

A cidade, podemos dize-lo, tem os olhos neste assunto e bom será que se congreguem todos os esforços para que se realise a velha e justa aspiração dos aveirenses, com o que o Estado só tem a lucrar.

Para o hospital

Já foi entregue á provedoria da Misericordia a quantia de 1.699$15, produto liquido do espectaculo dado pelo distinto grupo de Viana que acompanhou a recente excursão a esta cidade.

Bem hajam os que, divertindo-se, não esquecem os desprotegidos da sorte.

A pesca do bacalhau

Deve realisar-se no proximo mez em Aveiro o 1.º congresso nacional sobre a pesca do bacalhau promovida pela Associação de Armadores de Navios de Portugal e que tem por fim proteger a industria dessa pesca e estudar os meios mais praticos e economicos da sua exploração.

Consta que virão assistir os ministros da marinha, comercio e outras entidades oficiais.

Regionalismo e... debatismo

O Debate, orgão das comissões democraticas ou, antes, dum grupo que aqui deu cabo do partido democratico, fundado por uma pessoa estranha a Aveiro, que aqui deixou alegre memoria, e dirigido, agora, por outro estranho a esta cidade, aqui de passagem, como jornal de *estrangeiros*, que é, sabe pouco ou nada da historia da nossa terra...

Ha tempos que *O Debate* vem provocando os regionalistas a quem acusa de não tratarem dos melhoramentos publicos, e quando de algum melhoramento se trata, logo vem atribuir tudo quanto lhe diz respeito—pensamentos, palavras e obras—a gente sua.

Ora sobre isso temos nós muito que contar, mas não o faremos por enquanto. Um dia, na hora propria, é que nós havemos de perguntar pelos estudos, trabalhos e melhoramentos do *debatismo* em prol de Aveiro.

Mas agora não queremos, com qualquer discussão, prejudicar os interesses da cidade. Não queremos dividir os aveirenses com intrigas tolas, nem mesmo erguendo uns e amesquinhando outros, quando a nossa opinião e a opinião regionalista é de que sobre melhoramentos publicos deve haver inteira união e neutra colaboração para alguma cousa se conseguir dos poderes publicos, sempre tão aváros para com a pobre provincia.

Qualquer esforço empregado, seja por quem fôr, em prol do bem e do progresso da nossa terra, é digno de louvor e de aplauso. Não os regateamos a ninguem, muito menos ao sr. dr. José Maria Soares, que nem por se ter agora filiado no partido democratico deixou de ter as qualidades que lhe reconheceram os amigos nossos que o escolheram para a presidencia da Associação Comercial, quando o *soviet* democratico local o olhava de soslaio...

Mas o que não é justo é atribuir-se sómente ao sr. dr. José Maria Soares, o que outros, não menos dignos e activos aveirenses, teem feito ou ajudado a fazer.

* * *

O que faz *O Debate*, por especulação partidaria, é simplesmente comprometer o sr. dr. José Maria Soares e não fazer-lhe a justiça que ele merece.

O regionalismo—saibam-o os *debatistas*—põe acima de todas as contendas e divisões politicas, os interesses da região e quer a colaboração de todos os homens de valor na solução dos problemas locais e regionais.

Se depois do congresso districtrl democratico, tão cantado, os democraticos de Aveiro, entre os quais, aliás, ha muita gente de bôa fé e bôas intenções, tivessem obtido qualquer coisa de bom para esta terra, nós, gostosamente, os elogiariamos por isso.

Mas o congresso deu... uma querela contra *O Democrata* e... nada mais!

E nada mais!!!

Dispendeu as suas energias a fazer a denuncia deste jornal e... nada mais!

Apezar de estar ha dois anos no poder um governo democratico!!!

Com obras, com obras é que seria esborrachar os regionalistas, obrigando-os a reconhecer abertamente os beneficios da politica *debatista!*

Mas as obras—onde estão elas?!

Não falemos mais nisto, por enquanto. Não vá o *debatismo* dizer que foi por nossa causa que nada fez e nada conseguiu.

Caluda, pois, e um dia se fará a historia e se fará justiça a todos os que a merecem.

Por emquanto melhor achámos fazer como faziam os partidos da Figueira da Foz, ou então colaborarmos todos, patrioticamente, nas prosperidades da nossa região, em vez de atirarmos á pedrada aos aveirenses que se esforçam por engrandecer a sua terra natal, só para satisfazermos o capricho politico dos *estrangeiros* que apenas aqui chegam logo se arvoram em mentores da opinião local e em grandes homens da terra... dos outros.

Aveiro tem de ser patriotica e consciente e não apenas uma *bacocolandia* que ande ás ordens de *estrangeiros* que aqui estão de passagem.

E, por enquanto, nada mais.

Governador civil substituto

Apezar das más vontades e intrigas dos seus proprios correligionarios, sempre foi nomeado governador civil substituto de Aveiro, o nosso velho amigo, sr. José Casimiro da Silva, distinto professor e director da E. P. S.

Um afectuoso abraço de parabens.

PELA MORALIDADE!

A sindicancia ao Museu de Aveiro

O que Silverio Pereira Junior apurou sobre as falcatruas imputadas ao ex-director Marques Gomes

Relatorio

IX

Interpretação logica dum telegrama

O encerramento da egreja Primeiros agravos

No dia 23 de julho recebi, pelo correio, a seguinte carta do Ex.mo Ministro.

Porto, 22 | 7 | 922.

Ex.mo Sr.

«Na segunda-feira, 24, sigo no rapido da tarde para Lisboa. Muito desejaria que V. Ex.a tivesse a bondade de aparecer na estação de Aveiro para me fornecer uns esclarecimentos ácerca da capela do Muzeu».

De V. Ex.a mt.o att.o vn.o.

(a) *Augusto Nobre.*

* * *

No mesmo dia, 23, fui procurado pelos srs. Homem Cristo e Lourenço Peixinho, respectivamente, presidente da Junta de Defesa dos Interesses de Aveiro e presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal e Provedor da Misericordia, que de mim solicitaram, com cativante cortezia, esclarecimentos sobre o encerramento da egreja, que constava ir fazer no dia seguinte e do encerramento já feito das suas dependencias.

Com aqueles senhores percorri as dependencias encerradas (fls. 163 e 164) e a propria egreja, e, em resumo, disse-lhes que a unica razão determinante da minha atitude era a *obrigação de cumprir ordens superiores que me compeliam ao encerramento imediato.* Mas, quando essas ordens não existissem, a minha atitude se não modificaria, pelos seguintes motivos:

1.º—Por julgar censuravel que o padre Rachão, prior da freguezia da Gloria, cuja egreja fica a menos de cincoenta metros da de Jesus, sem o menor respeito pelo seu valor historico e artistico, deixasse de exercer o culto por completo na sua egreja, apossando-se indevidamente da de Jesus com o falso pretexto de que a da Gloria estava em obras.

2.º—Pelo seu criminoso proposito de, devido ás pequenas dimensões da egreja de Jesus, facultar aos fieis o côro superior, cujo soalho ameaça ruina, que a dar-se, como seria inevitavel, se perderia essa outra joia artistica que é o tumulo magnifico da Princesa Santa Joana, que fica no côro inferior.

3.º—Que era meu parecer que os côros superior e inferior deveriam estar na posse exclusiva do Muzeu e que devia ser proibido na egreja o exercicio permanente dos actos do culto, maneira unica de resguardar dos maus e dos inconscientes a primorosa joia artistica que é a egreja de Jesus, cuja talha está criminosamente mutilada.

Concordaram aqueles senhores com os meus pontos de vista e resolveram chamar o padre Pinto Rachão, a quem afirmaram que classificavam de um crime o aceder-se aos seus desejos de transferir para ali os exercicios religiosos da freguezia e por que o motivo alegado era o das obras na sua egreja, o sr. dr. Lourenço Peixinho ofereceu ao padre Rachão a espaçosa egreja da Misericordia, erecta na freguezia da Gloria, para, enquanto durassem as obras, ali realizar todos os serviços religiosos.

Este oferecimento *foi recusado pelo padre Pinto Rachão*, que deixou a claro a sua intenção ou, mais propriamente, a sua «reserva mental», afirmando: *que continuava na egreja da Gloria visto que as obras não tinham ainda começado, pois tendo que ser feita por subscrição entre os fieis nem sequer a subscrição tivéra inicio!*

Estavamos em fins de julho e o padre Pinto Rachão tinha-se apossado da egreja de Jesus, com a criminosa cumplicidade de Costa Ferreira, ex-governador civil, e da de Faustino de Andrade, comissario de policia,—*em principios de maio*—com o pretexto das obras!...

* * *

No dia 24, pelas 13 horas, foi encerrada e selada a egreja de Jesus depois de o padre Pinto Rachão, por suas mãos piedosas, ter retirado tudo que lhe pertencia ou á sua egreja. (auto de fls 165 e 165 v.)

Seguidamente enviei ao comissario de policia o seguinte

Oficio

datado de 24 de julho (fls 165 e v. 166).

«Comunico a V. Ex.a que acabo de fazer a aposição de selos na egreja de Jesus, anexa ao Muzeu Regional desta cidade. Confiando a V. Ex.a a integridade desses selos, rogo imediatas e indispensaveis ordens para o fim que se tem em vista».

* * *

Muito depois destes factos, dirigi-me para a estação do caminho de ferro de Aveiro afim de aguardar o rapido que ali passa ás 18, 39 h.

Chegado o comboio, avistei o antecessor de V. Ex.a, sr. dr. Augusto Nobre, para quem logo me dirigi e que imediatamente me fez a seguinte pergunta e pedido: «Então que ha com a egreja de Jesus, por cuja abertura tanto se interessa a politica local com o governador civil á frente?» Veja

Horrivel cataclismo

O Japão acaba de ser violentamente atingido por sucessivos abalos sismicos que destruiram muitas cidades, fazendo dezenas de milhares de vitimas.

Tokio e Iokohama foram as que mais sofreram, impressionando-nos deveras os pormenores que dia a dia vão sendo conhecidos da maior desgraça registada na historia desses cataclismos mundiais.

Ansiosamente aguardâmos noticias dum velho amigo, João Machado de Mendonça, empregado no *Hongkong & Shanghai Bank*, de Iokoama, cuja vida oxalá tenha sido poupada aos horrores de tamanha desventura.

Escola Primaria Superior de Aveiro

Até ao dia 25 do corrente recebem-se na secretaria desta requerimentos para admissão á matricula,

Os candidatos teem de indicar no requerimento o nome, idade, filiação (nome de pae e mãe), naturalidade e o nome e morada da pessoa encarregada da educação, e teem de juntar os seguintes documentos: certidão de idade, atestado de vacinação e diploma de estudos ou ensino primario geral ou certidão do exame de admissão.

Os candidatos que frequentarem a escola apenas teem de apresentar o requerimento.

se liquida isso, para me não apoquentarem com pedidos„.

Rapidamente, em poucas palavras, justifiquei a minha atitude, que me pareceu não o ter contrariado e afirmei-lhe que logo que terminasse a conferencia dos objectos expostos no Muzeu e na egreja, naquele mesmo dia iniciada, (auto de fls. 166) deixaria tanto um como outra expostos á admiração do publico.

O comboio, depois de uma paragem de dois ou três minutos, seguiu a caminho de Lisboa e eu regressei ao hotel com a consciencia do dever cumprido.

* * *

Na noite do dia 24, fui procurado no hotel pelo comissario de policia, sr. Faustino de Andrade, que da parte do ex-governador civil Costa Ferreira, *me pediu que lhe mostrasse a autorisação para o encerramento da egreja.*

Este pedido, simples á primeira vista, era afrontoso para a minha dignidade e, por ter sentido a afronta, repeli-a com energia, dizendo ao sr. Faustino de Andrade, pouco mais ou menos, o seguinte: *Recuso-me terminantemente a mostrar-lhe o documento que deseja vêr e se o governador, em vez de o mandar, viesse em pessoa, não só me recusava do mesmo modo a mostrar-lho, como o mandava pôr fóra da porta do hotel. Fixe bem as minhas palavras e comunique-lhas.*

Procurou o sr. comissario desfazer a má impressão que me causára a sua visita e, principalmente, o desempenho da sua missão com palavras lisongeiras que fizeram modificar um pouco a minha atitude, dizendo-lhe: « *V. Ex.ª não esqueça a atitude que tomei e as palavras que proferi para as transmitir, textualmente, ao governador civil por quem* desde este momento, *deixo de ter a consideração devida ás pessoas que ocupam tais cargos e que se presume serem inteligentes, atenciosas, dignas e correctas. A ele não lhe mostraria nunhum documento*, repito. *Vou mostrá-lo ao sr. Faustino de Andrade, não ao comissario de policia*, nem com a intenção de que o sr. Faustino diga ao governador civil, *álem do que deve transmitir-lhe*, que viu o documento. E mostrei-lho».

(Prossegue no proximo numero)

Notas mundanas

Chegou de Inhambane á sua casa de Eixo o sr. João Baptista Saldanha, a quem cumprimentamos.

— Para o Rio de Janeiro seguiu novamente o sr. dr. Reinaldo Aragão, que durante a sua estada naquela freguezia, donde é natural, recebeu as maiores provas de estima por parte dos seus conterraneos.

— Veio passar alguns dias á Costa Nova, sendo hospede de seu cunhado, sr. José Moreira Freire, o sr. David Bernardo.

— Partiu para Vizela a sr.ª D. Maria Trancoso Magalhães.

— Depois de ter passado algum tempo na Costa Nova com o seu e nosso amigo, sr. Augusto Guimarães, retirou para a sua magnifica vivenda de Macieira de Cambra, o sr. Manuel de Oliveira Campos.

— Está no Luso o sr. José Nunes Ferreira Ramos.

— Vimos nesta cidade o sr. José Grijó, escrivão de direito em Amarante.

— Tambem de passagem para a Barra, onde vai estar até o fim do mez, cumprimentámos aqui o heroico lobo do mar, José Rabumba.

— Teem estado doentes na Costa Nova dois filhos do nosso querido amigo Vieira da Costa. Fazemos votos por o seu breve restabelecimento.

— A'quela praia chegou ontem o sr. Antonio dos Santos Victor, escrivão de direito em Barcelos.

Ainda a excursão de Viana

Duma carta enviada ao presidente da direcção do *Club dos Galitos* pelo talentoso advogado vianense, dr. José de Matos, extraímos os seguintes periodos que merecem ser conhecidos dos nossos leitores, a cuja apreciação os entregâmos:

Só hoje, passadas as festas e retemperado o meu pobre organismo, posso vir trazer-lhe o meu melhor e mais apertado abraço de reconhecimento pelas inesquecidas e inesqueciveis provas de estima, carinho e consideração que ahi, quer em seu nome proprio, quer no do simpatico *Club dos Galitos*, a que tão distintamente preside, me dispensou.

A sua proverbial bondade ha de saber perdoar-me a demora, porque sinceramente confesso que me sentia um pouco cansado, sem forças nem cabeça para nada. E' que foram 15 dias seguidos de trabalho intenso, com noites mal dormidas, á mistura com o serviço do meu escritorio e trabalhos forenses fóra desta comarca. Ha de concordar que não é pouco para um homem só... Mas, emfim, tudo passou e aqui estou quasi fino, bom e pronto para outra, como se costuma dizer.

Meu querido amigo: falemos da nossa excursão.

A impressão que me ficou da nossa recente visita á encantadora Aveiro é das que não se apagam jámais, nem do espirito, nem do coração. Nós viemos todos de ahi desfeitos,—entontecidos, com a alma em pedaços, a gotejar saudades!

Todos, meu bom amigo, sem distincção de sexos nem de classes, porque com todos, mais ou menos tenho trocado impressões e colhido o mesmo eloquente e sincero comentario:—*Que delirio! Que loucura! Aquilo é que é saber receber! Santa e boa gente...* E etc., por aqui fóra, no mesmo tom de entusiasmo e de saudade.

Ainda hoje, em qualquer parte onde se reunam dois ou mais excursionistas, o assunto obrigatorio é a excursão a Aveiro, o que lá se passou, o acolhimento que tivemos, emfim, todo esse cortejo de carinho, de estima e de bem estar com que nos recebe-ram e trataram. E é interessante vêr como todos recordam com amor e saudade os mais pequenos detalhes e pormenores, e como, no final, de todas as bocas irrompe a mesma pregunta dolorida e angustiosa:

—E agora, que havemos nós de fazer, quando eles cá vierem? Como retribuir-lhes semelhantes festas?

Conto-lhe isto, meu querido amigo, apenas para lhe mostrar o estado de alma em que de ahi viemos e o apreço em que foi tido o acolhimento desse bom, amigo e irmão povo de Aveiro.

Abençoada hora aquele em que as duas formosas cidades, irmãs pelo seu passado historico e pelo beijo natural das mesmas ondas amorosas, se deram um mais estreito abraço por intermedio do *Clul dos Galitos* e do *Sport Club*, fazendo a aliança das almas pelos laços do sentimento, que é ainda hoje a força mais poderosa e avassaladora!

O nosso pacto está firmado e havemos de mante-lo, atravez de tudo e de todos! O *Club dos Galitos* e o *Sport Club Vianense* são um penhor bastante desse pacto, que nós selamos com o mais quente, sentido e comovido abraço.

Pela minha parte, meu querido amigo, sentir-me-hei sempre prêso, aferradamente prêso, a Aveiro até ao ultimo momento da minha vida e penso que, ao expirar, o meu ultimo ou penultimo pensamento será ainda para Aveiro, para os bons, dedicados e queridos amigos que ahi tenho, a quem considero como irmãos extremosos e muito amigos.

E' que eu reconheço e sinto a estima que Aveiro de ha muito nutre por mim, e tive ocasião de mais uma vez o verificar agora, em manifestações que não enganam. Muito e muito obrigado por tudo. Deixo-lhes aqui a minha gratidão eterna, abrindo-lhes bem a alma para vêrem o que nela vae de comoção e saudade.

Peço-lhe, meu querido amigo, o favor de transmitir aos nossos amigos de ahi, sobretudo aos meus velhos amigos do *Club dos Galitos*, o meu melhor agradecimento e reconhecimento, pois eu não posso escrever a todos, embora tencione fazer-lo particularmente a alguns.

. . . .

Por Oliveira de Azemeis

O sr. dr. Pinho Rocha é o prototipo do pantomineiro ganancioso

Conjugando os assuntos dos dois ultimos artigos, a unica conclusão verdadeira é esta: o sr. dr. Pinho Rocha, fingindo-se amigo do sr. dr. Pinheiro, mas não o sendo por ele ser um estorvo ao seu avançar de clinico afamado e de parteiro de excepcionais aptidões, procura e esfalfa-se para apear esse colega, levando o povo, ignorante e ingenuo, á convicção de que o sr. dr. Pinheiro mata os seus doentes por ignorancia e desleixo. E a prova desta afirmação é insofismavel, quando se escuta a gritaria do povo de Cucujães logo após a morte do rapaz do dedo.

Mas que reviravolta se deu na alma do sr. dr. Pinho Rocha, tratando-o tão bem desde a sua chegada ao Couto e agora esfaqueando-o tão velhaca e cobardemente? O instinto da ganancia ensopado em odio.

Quando o abraçava e acariciava, estava convencido de que qualquer serviço que houvesse na clinica do colega este o chamava de preferencia a qualquer outro e deste modo arranjava bom peculio e quasi sem responsabilidade. As conferencias que com o dr. Pinheiro fizesse, bem como qualquer serviço cirurgico que pudesse impingir recompensavam-lhe de sobra os serviços que poderia nessas paragens fazer se lá não houvesse medico, Iria uma vez por outra, porque em redor ha mais clinicos.

Como o dr. Pinheiro se foi servindo com a prata da casa e quando era preciso auxilio nem sempre recorria a ele, se é que recorreu alguma vez, principiou a esboçar-se a revolta e a lingua do sr. dr. Pinho Rocha a zurzi-lo com a sua inegualavel mestria. Mas era ainda encapotadamente, sorrindo-se quando o encontrava e acautelando-se na critica perante pessoas que fossem contar ao dr. Pinheiro as *amaveis referencias* que o *dr. Bismuto*, na ausencia lhe fazia. Todavia o momento das delicadezas, das amabilidades na presença, estavam prestes a findar porque uns zuns-zuns lhe segredavam que entre o sr. dr. Pinheiro e a minha pessoa se mantinham cordeaes relações e que, uma vez por outra, aquele colega me convidava para o ajudar e para conferencias.

Um ranger de dentes açulava-lhe a vingança.

Quando teve a plena certeza de que o dr. Pinheiro não correspondia aos seus vaticinios, antes me chamava mais vezes que a qualquer outro, jurou represália e, qual tigre, preparou o salto para o dilacerar. Para não levantar suspeitas no colega Pinheiro, usou de toda a manha, de toda a hipocrisia, recebendo-o sempre com todos os requintes em que são eximios os grandes pantomimeiros. Deu-lhe o primeiro salto no caso de Vila Cova de S. Tiago; mas, como o operado morreu, a lingua cobriu-se de crépes e as contumelias continuaram a desfolhar-se.

Apareceu no Couto o rapaz da queda da bicicleta e o sr. dr. Pinho Rocha preperalhe novo salto. Desta vez consaguiu triunfar por algumas horas, supondo-se já senhor da situação e sonhando já com o rodar das malas do dr. Pinheiro em direcção á serra, á lareira paterna. Tomou a gritaria do povo cucujanense como inapagaveis hurras de victoria.

Ainda desta vez se enganou. Alguem o espreitava de perto. Querendo o sr. dr. Pinho Rocha saciar no dr. Pinheiro os seus odios, que na alma lhe coaxavam contra mim, e sabendo eu dos vis processos da predilecção do sr. dr. Pinho Rocha, acompanhei-o sempre de olhoe bem abertos e preparado de cacete para lhe esmorrar o focinho, para mostrar aos ingenuos e ignorantes que o dr. Pinheiro era uma vitima e o sr. dr. Pinho Rocha, um carrasco, que sentia prazer em beber o sangue da seu correligionario e amigo. Cumpri com o meu dever apenas. E tanto isto é a expressão da verdade, que um dia, queixando-se o dr. Pinheiro a um grande marechal do partido nacionalista—perdôem-me os monarquicos a alcunha—do que o dr. Rocha lhe havia feito, carpindo a sua triste sorte, esse chefe exortou-o a ter coragem, fazendo-lhe vêr, e afirmando mesmo, que essa perseguição era a resultante de *você se dar com o Zé Lopes*.

São os proprios correligionarios, são os proprios amigos, que durante anos se dão intimamente com o sr. dr. Pinho Rocha, que veem contar os seus ruins sentimentos, que lhe veem expôr em publico, a hediondez da sua alma.

Quem lida de perto com o sr. dr. Pinho Rocha, sabe que ele não diz o que sente, mas o que lhe convem, não lhe causando móssa na sentimentalidade desmentir-se a cada passo, ora elogiando, sem motivo, quem tinha vergastado com rancôr, ora afirmando com juramento de honra o contrario da realidade patenteada a todos os olhares. Quem tinha tão ignobil senda, é porque faz da caixa craneana mealheiro e da dignidade navalha de ponta e mola. E efectivamente o sr. dr. Pinho Rocha em tudo faz dinheiro, quer vendendo a honra, quer atraiçoando a amisade.

O sr. dr. Pinho Rocha tem no tôpo da sua consciencia, a drapejar, esta negra flamula: *é parva tolice fazer sacrificios pela integridade da honra, quando os malandros enriquecem e são alvo das mais fidalgas cortezias; é erro crasso respeitar e defender um amigo quando a nossa indiferença e mesmo o nosso trincar nos podem aquecer a algibeira e angariar meia duzia de conhecimentos rendosos.*

Para este cavalheiro facultativo, viver, é negociar ilicitamente.

Dinheiro, mais dinheiro e muito dinheiro é a triade sublime da sua alma gananciosa.

A tôrpe mentira é o factor patognomonico da nobreza do seu caracter.

Quem não fôr á sua egreginha e não lhe pagar dizimas e premissas pode contar como certo que anda na mais maledicente boca do mundo. Não o poupa. A sua imaginação desce até ás mais abjectas pocilgas para, num invento recamado de torpezas, subir até aos salões da *nobreza leonina* aonde, por unanime conluio, fazem a distribuição das suas infamias pelos sacrarios das familias a quem o beaterio e a vilipendiagem perseguem de hereges e maltrapilhos.

O sr. dr. Pinho Rocha é laureado apostolo da nova arte de viver. Para ele o remorso é atavismo de camponio; a gratidão, futilidade de boneca; a *lei do avanço*, a alavanca dos grandes progressos. E é por esta doutrina que ele maldiz dos seus adversarios, dos honrados. E é por esta razão que ele, ao examinar um doente assistido por outro clinico e cuja morte seja inevitavel, em tom de superioridade afirma: *se me tivessem chamado mais cêdo, tinha salvo o doente. Assim é tarde e muito tarde.*

Toda a gente não ignora que a morte é indispensavel á vida; que o medico, por mais esforços que faça, não pode curar todas as doenças; que a medicina é impotente, quando o organismo já não reage ao seu apêlo. E para o sr. dr. Pinho Rocha estas verdades, autenticas axiomas, não são desconhecidas; mas a ganancia assim o obriga a falar para sugerir no espirito dos ouvintes e cair no amago da familia dorida, *pelo menos, a duvida se o doente morre por ignorancia ou desleixo do medico assistente, se o doente se salvasse se o sr. dr. Pinho Rocha fosse chamado mais cêdo.*

Se fôssem verdadeiras as suas afirmações, porque não cura ele os doentes que desde o principio lhe são entregues? Porque não curou e tratou a inocente filhinha que ha pouco lhe morreu?

Se o sr. dr. Pinho Rocha fosse o medico do valor que incansavelmente aprегôa, porque não retalhou a cara ao homem que tem gravado no caracter o brazão da sua nobreza, quando este, uma vez, de viva voz, de rosto a rosto, lhe disse:—*Não o chamo, sr. dr. Pinho Rocha, para mim nem para os meus, porque tenho medo de que você nos mate!*

A verdade tanto incute coragem como rouba todas as inergias.

A medicina tem avançado e ha-de avançar sobre cadaveres, ainda que o sr. dr. Pinho Rocha o conteste.

O caminho por onde este clinico avança, não é o da medicina; é o da charlatanice.

Não é num consultorio que ele devia estar: era na praça publica, em cima duma meza e com uma campainha na mão, a vender pomadas para tirar... nodoas.

Aí, execravel pantomimeiro, é que hades viver, engordar e enriquecer!

Na clinica, a pantomima é efemera ou de pouca dura.

Lopes de Oliveira.
Medico

Originalissimo

Um velho ancião de 70 anos, rico proprietario de Lisboa, suicidou-se por enforcamento. Professando ideias socialistas, deixou disposto que desejava que o seu enterro fosse feito sem anuncios nos jornais, sem coroas, sem missas, sem padres, *o mais civil que pudesse ser*, um caixão de pinho e a vala comum. Quanto á sua fortuna, toda ela a deixava á beneficencia da capital, explicando que tomava a tragica resolução com receio de, com o excesso das despêsas dos ultimos tempos, gastar tudo e não poder legar coisa alguma ás casas de caridade.

Ora, sim senhor: aqui temos um socialista que redimiu, em parte, os excessos dos seus camaradas ao sacrificar a vida pelos desprotegidos da sorte.

Correspondencias

Costa do Valado, 13

Realisou-se na Povoa, com a habitual pompa, a festa da Senhora das Preces á qual foi dar o seu concurso o grupo dramatico de Mamodeiro que representou a peça intitulada *O Proscrito*.

Ao que nos dizem, os rapazes não retiraram contentes por, á ultima hora, em vez do prometido leitão assado, lhes servirem peixe que, positivamente, está muito longe de se assemelhar com o tal animal de vista baixa. Que voltem lá...

— No sabado faleceu um filhinho de tenra edade ao sr. Elias Ferreira da Silva e no domingo tambem deixou de existir a mulher de Narciso Portugal, ausente na America do Norte.

Esta foi vitima da infecção proveniente dum ferimento de que não fez caso, só chamando o medico quando já não havia cura possivel.

— Regressou do Vale da Mó, com sua esposa, o sr. Alipio de Matos.

— Em S. Bernardo foi rijamente festejada no sabado, domingo e segunda-feira a Senhora das Febres, tendo no primeiro dia, á noite, tocado no arraial, que se achava profusamente iluminado, as bandas de infantaria 24 e *Amisade*, de Aveiro, as quaes receberam fartos aplausos.

— No proximo domingo tambem deve ter logar a festividade da Senhora da Graça, nas Quintans, com entremez na vespera, fogo, musica e iluminação.

— Os nossos lavradores estão recolhendo o S. Miguel, que este ano, devido á falta de chuvas, é bastante parco de milho e feijão.

A infelicidade a perseguir-nos por todos os lados.

C.